



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

1. Economia e Mercados Financeiros

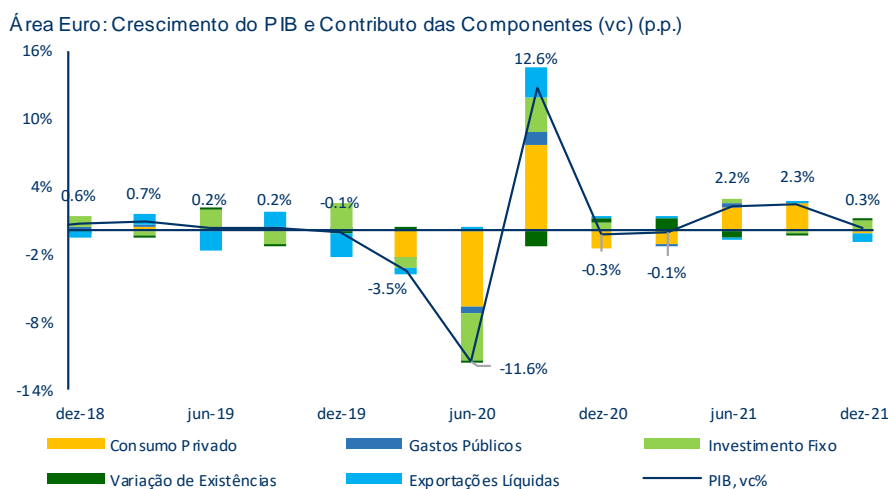
1.1 Economia

Portugal. Segundo as **Estatísticas do Comércio Internacional** divulgadas pelo INE, as exportações e as importações de bens (nominais) registaram variações homólogas de 22.2% e 37.5% em janeiro, após 24.1% e 35.1% no mês anterior, respetivamente. Face ao período comparável pré-pandemia (janeiro de 2020), o crescimento foi de 9.7% nas exportações e 13.3% nas importações. No mês em análise, destacam-se os acréscimos em valor das exportações e importações de *Fornecimentos industriais* (33.7% e 48.7%, pela mesma ordem) e das importações de *Combustíveis e lubrificantes* (115.7%). Quando retirado o efeito dos *Combustíveis e lubrificantes*, as exportações e as importações aumentaram 19.5% e 29.9%, respetivamente. O défice da balança comercial de bens passou de €898 milhões para €1939 milhões face ao mês homólogo do ano anterior. Excluindo *Combustíveis e lubrificantes*, o défice situou-se em €1310 milhões.

O **Índice de Preços no Consumidor** (IPC) revelou um crescimento homólogo de 4.2% em fevereiro, acelerando 0.9 p.p. em relação ao mês anterior. A inflação subjacente (excluindo produtos alimentares não transformados e energéticos) aumentou de 2.4 para 3.2% em fevereiro. Todas as categorias registaram uma variação homóloga positiva pelo terceiro mês consecutivo, salientando-se os aumentos observados nos *Transportes* (8.5%) e *Restaurantes e hotéis* (5.2%). Em termos de contributos para o crescimento homólogo, sobressaem os *Transportes* (1.28 p.p.) e *Bens alimentares e bebidas não alcoólicas* (1.02 p.p.), representando mais de 50% da variação.

O **índice de volume de negócios nos serviços** aumentou (em termos homólogos) 5.3 p.p., para 22.1% em janeiro, com uma forte recuperação do *Alojamento, restauração e similares* (71.3%). O indicador agregado manteve-se superior ao período pré-pandemia. O indicador análogo para a **Indústria** teve um crescimento homólogo de 18.8% em janeiro (+0.5 p.p. face a dezembro). Face à sua natureza nominal, este indicador continua a ser bastante influenciado pela variação dos preços da produção industrial, em particular na energia, o qual aumentou 17.9%. A **Produção na Construção** aumentou 3.3% em janeiro, após 2.6% no mês anterior. No mesmo mês, os custos de construção de habitação nova aumentaram 7.2% face ao mês homólogo (7.0% em dezembro), refletindo principalmente o aumento do custo dos materiais (+0.9 p.p., para 9.1%).

Área Euro. Segundo a estimativa final divulgada pelo Eurostat, o PIB registou um ritmo de expansão de 0.3% em cadeia no quarto trimestre de 2021. O crescimento foi impulsionado pela formação bruta de capital fixo (3.5%) e gastos públicos (0.5%) enquanto o consumo das famílias diminuiu 0.6% e o contributo das exportações líquidas foi negativo, uma vez que a variação das importações (4.6%) superou a das exportações (2.9%). Este foi o crescimento mais lento dos últimos três trimestres, o que se explica pelas restrições impostas para conter as novas infeções de SARS-CoV-2, que condicionaram o setor dos serviços, reduzindo as despesas de consumo privado. Em 2021, a economia europeia cresceu 5.3%, após uma contração de 6.4% em 2020.



Fonte: Eurostat

EUA. O **sentimento dos consumidores**, medido pela Universidade de Michigan, desceu de 62.8 para 59.7 pontos em março de 2022, o valor mais baixo desde novembro de 2011, em função do incremento acentuado das expectativas de inflação impulsionadas pelo aumento dos preços dos combustíveis. Esta evolução deve-se sobretudo à queda da componente das expectativas (-5.0, para 54.4), enquanto as condições económicas atuais desceram marginalmente (-0.4 pontos, para 67.8). A taxa de inflação esperada para o ano seguinte (5.4%) subiu para o nível mais alto desde 1981, com a perspetiva de aumentos expressivos do preço dos combustíveis. O inquérito antecipa também uma deterioração dos rendimentos das famílias, dado o aumento da inflação. O número de **novos pedidos primários de subsídio de desemprego** (*Initial Jobless Claims*) aumentou 11 mil para 227 mil na semana que terminou a 5 de março. O **número de vagas de emprego** (JOLTS) passou de 11.45 milhões para 11,26 milhões em janeiro, superior às expectativas do mercado (10.9 milhões), o que reflete a situação de escassez de mão-de-obra.

Bancos Centrais. Na reunião de março, o **Banco Central Europeu** (BCE) reafirmou a trajetória gradual de normalização da política monetária. O BCE confirmou o fim do PEPP até ao final de março, tal como já tinha anunciado em dezembro, ao mesmo tempo que pretende antecipar o fim do programa de compra de ativos (APP). Assim, o APP irá duplicar para €40 mil milhões por mês em abril, reduzindo-se para €30 mil milhões em maio e para €20 mil milhões em junho, terminando no terceiro trimestre de 2022, condicionado pela evolução dos dados económicos e perspetivas para a inflação no curto e médio prazo. Esta alteração contrasta com o que estava anteriormente programado que o APP atingiria o montante mensal de €20 mil milhões em outubro, mantendo-se nesse nível pelo tempo necessário para acomodar a política monetária. As taxas de juro diretoras mantiveram-se inalteradas, tendo sido removida a menção de “*em níveis inferiores*”, ao mesmo tempo que foi declarado que “*quaisquer ajustamentos das taxas de juro diretoras do BCE ocorrerão algum tempo após o termo das aquisições líquidas ao abrigo do APP*”.

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 11 de março às 14h00)

Nos mercados financeiros, a última semana continuou a ser marcada pelas tensões geopolíticas decorrentes da crise da guerra na Ucrânia e a incerteza quanto às consequências na economia mundial. A incerteza dos investidores também reflete a pressão do aumento da inflação que se tem acentuado com o início da crise. A volatilidade foi a palavra dominante, mas a semana terminou globalmente mais positiva, com a recuperação dos índices acionistas e a descida dos bens energéticos, sinal de moderação do clima de aversão ao risco. Adicionalmente, as *yields* soberanas

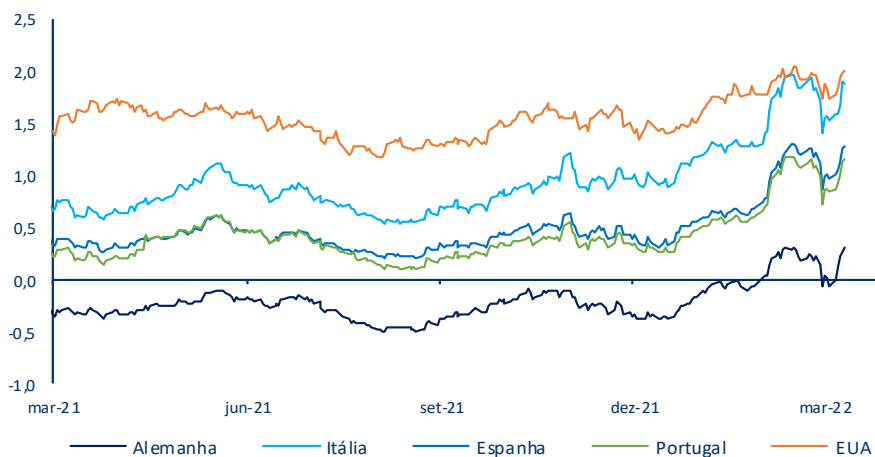
registaram fortes apreciações, reflexo da expectativa de normalização da política monetária.

No **mercado monetário**, após a correção das taxas Euribor nos principais prazos de referência na semana precedente face à instabilidade desencadeada na Europa, a tendência de subida foi retomada esta semana após a reunião do BCE. Os incrementos das *yields* forma maiores nos prazos de 6 e 12 meses, com variações de +6.8 e +9.1 p.b., fixando-se em -0.414% e -0.268%, respetivamente. A confirmação da retirada de estímulos monetários por parte do banco central mais cedo que o esperado, devido ao ciclo inflacionário, sobrepôs-se aos receios de um abrandamento económico devido à guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Na curva de futuros da Euribor a 3 meses verificou-se um aumento muito significativo, esperando-se valores positivos já a partir do vencimento de dezembro deste ano (+26.5 p.b., para 0.13%) e com a Euribor3M de dezembro de 2026 a fixar-se em +1.07% (+27 p.b.).

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia**, a 10 anos, registaram uma apreciação muito acentuada atingindo os máximos de 3 semanas, retornando a níveis pré-guerra. O fator decisivo foi a reunião do BCE, que antecipou os planos de término das compras de ativos até ao terceiro trimestre, com as pressões sobre os preços no consumidor a superarem os riscos do conflito na Ucrânia. O cenário de suspensão da perspectiva de normalização de política monetária parece menos provável. Na Alemanha, a *yield* voltou a aproximar-se do máximo anual, encerrando em +0.30% após uma variação positiva de 37 p.b.. O comportamento semelhante foi nas restantes geografias da região e as taxas em Portugal e Espanha aumentaram 31 p.b., para 1.15% e 1.28%, respetivamente. Em termos de inclinação da curva de rendimentos, observou-se um alargamento moderado na maioria dos países, liderado pela curva portuguesa, que subiu 7.5 p.b. para um diferencial de 1.45%. Os *spreads* vs. Alemanha estreitaram com o de Portugal a fixar-se em 85 p.b. (-5 p.b.).

Nos **EUA**, a taxa a 10 anos voltou a superar o limiar de 2% (+27 p.b.), num movimento súbito após o mínimo semanal de 1.67%, com a antecipação do ciclo de aperto político por parte da *Fed* que deverá iniciar-se na próxima semana, visto que a inflação anual nos EUA continua a aumentar, atingindo em fevereiro a leitura mais elevada desde 1982 (7.9%).

Europa e EUA: Taxas de dívida soberana a 10 anos (%)



Os principais **mercados acionistas** tiveram uma semana de volatilidade muito elevada, com o sentimento a oscilar entre o medo da escalada de uma guerra com o conseqüente abrandamento económico, e os níveis de preços mais baixos dos últimos 12 meses a tornarem mais atrativa esta classe de ativos (acreditando num cenário de resolução do muito curto prazo suportado pelos esforços permanente de negociações e cessar-fogo). Na Europa, o *Eurostoxx600* fechou com uma valorização de 3.3%, liderado pelo *IBEX* espanhol (+6.8%) seguido pelo *DAX* alemão (+6.0%). O *PSI20* português valorizou 5.4% mantendo um diferencial anual positivo face ao *Eurostoxx600* superior a 11%. Em termos setoriais, apenas o da alimentação não terminou com ganhos na semana (-1.7%), sendo a tendência de recuperação liderada pelos setores de lazer e viagens (+8.1%), seguros (+6.7%) e

bancos (+5.1%).

Nos EUA, os principais índices não conseguiram evitar as perdas apesar da recuperação parcial na segunda metade da semana, tendo caído pela quinta semana consecutiva. O *S&P500* encerrou a perder 1.8% (chegou a desvalorizar quase 4% e atingiu o valor mais baixo desde junho de 2021). Nos países emergentes, o *MSCI* fechou com uma queda de 3.7%, liderado pelo *Hang Seng* de HK (-6.2%) e *Shanghai* chinês (-4.0%) e com a Bolsa de Moscovo ainda encerrada.

No **mercado cambial**, o *dólar* efetivo depreciou 0.2%, invertendo ligeiramente da tendência das últimas semanas depois do choque inicial causado pela guerra na Ucrânia. O *euro* apreciou 0.6% face à moeda norte-americana (\$1.10), enquanto a libra atingiu o valor mais baixo desde novembro de 2020 (-1.0% para \$1.31). O *rublo* depreciou cerca de 6% no final da semana, continuando inserido num contexto de mais sanções internacionais e restrições monetárias.

No que concerne às **matérias-primas**, apesar da renovação de máximos históricos no preço do gás natural com referência para a Europa, e máximos anuais no petróleo e outros metais e bens agrícolas, a queda da volatilidade do início da semana levou a correções fortes: *brent* (-6.7% para \$115/bbl); gás natural (-33% para €130/MWh), ou o trigo (-20% para \$1073).

2. Temas da semana

2.1 *EUA - Índice de preços no consumidor (fevereiro/2022)*

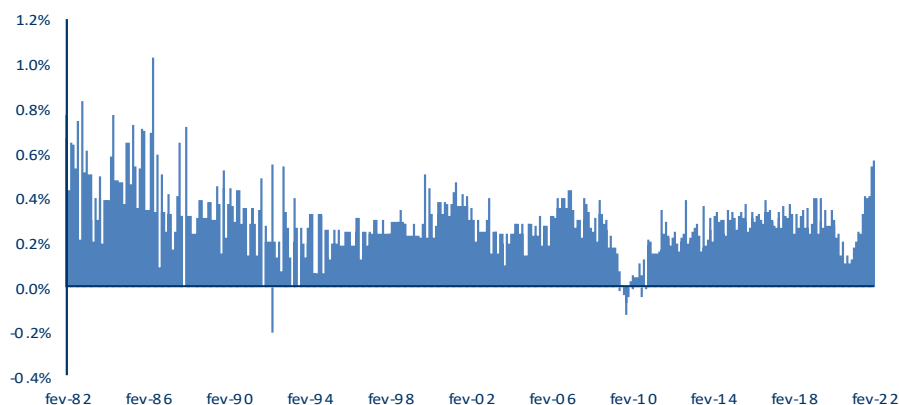
O **índice de preços no consumidor (IPC)** norte-americano referente ao mês de fevereiro registou uma evolução perfeitamente em linha com o esperado. A variação percentual do índice face ao mês homólogo do ano anterior atingiu um novo máximo de mais de quatro décadas, quer a nível total, quer subjacente (janeiro e agosto de 1982, respetivamente), mantendo uma elevada pressão sobre o Conselho de Governadores da Reserva Federal.

O relatório divulgado pelo Bureau of Labor Statistics revelou que o crescimento mensal dos preços no consumidor, total e subjacente, foi de 0.8% e 0.5%, respetivamente, após 0.6% em ambos os casos, em janeiro. De forma mais notória do que nos meses anteriores, destacaram-se os contributos das componentes não relacionadas com a energia e a alimentação e bebidas, cujas variações foram muito relevantes.

Assim, **em termos mensais**, destaque para a evolução de três componentes. Em primeiro lugar, a Energia, com um aumento de 3.5% no mês, o resultado mais forte em quatro meses, o qual não reflete ainda o recente incremento dos preços das matérias-primas energéticas. Em segundo lugar, a Alimentação e bebidas, cujo incremento de 1.0% foi o maior desde abril de 2020. Por último, a componente relacionada com os Custos na habitação (Shelter), cuja variação de 0.6% face ao mês anterior foi a mais alta desde agosto de 1987. Outras componentes relevantes, como Vestuário, Assistência médica, Recreação, e Despesas com educação, registaram variações inferiores às de janeiro. No que concerne aos preços dos automóveis novos, a variação mensal permaneceu inferior a 0.4 p.p., tendo mesmo sido negativa no caso dos automóveis usados (-0.25%).

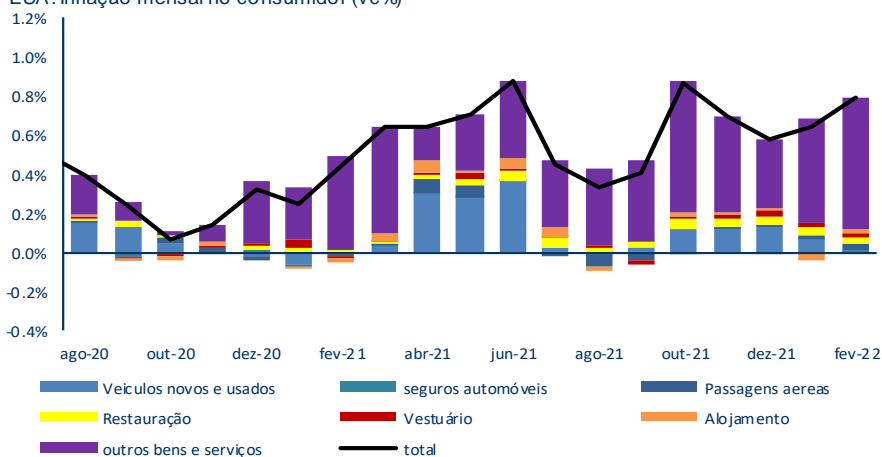
No mês em análise, o contributo agregado das denominadas “categorias de reabertura”, que o BLS classifica como as mais afetadas pela pandemia e que estiveram na génese do aumento da inflação desde o início de 2021, registou uma nova redução, enquanto o contributo dos “outros bens e serviços” teve o valor mais elevado em meses. Com a variação mensal dos Serviços a diminuir de 0.6% para 0.5%, a inflação nos Bens voltou a ser a razão principal da aceleração dos preços, à semelhança dos meses mais recentes.

EUA: Índice de preços no consumidor - "Shelter" - preços no custo da habitação (vc%)



Fonte: BLS

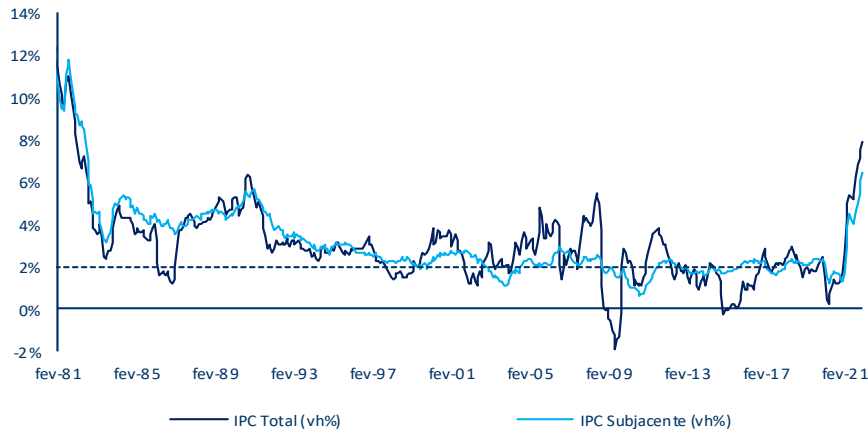
EUA: Inflação mensal no consumidor (vc%)



Fonte: BLS

Em termos homólogos, a variação do índice do IPC (total) registou igualmente um valor em linha com o esperado: 7.9%, após 7.5% em janeiro. No caso da variação da componente Subjacente (excluindo os contributos da alimentação e da energia), a respetiva leitura revelou o mesmo grau de aceleração (0.4 p.p.), transitando neste caso para 6.4%. Esta leitura é também a mais elevada desde 1982, sendo possível constatar através da análise gráfica que os contributos das rubricas subjacentes ("core") suplantaram o contributo da linha relativa à energia pelo segundo mês consecutivo. Por seu lado, o contributo da alimentação e bebidas voltou a apresentar um aumento, tendo sido superior a 1 p.p.. No mês em análise, o mesmo ascendeu a 1.1 p.p., um máximo histórico.

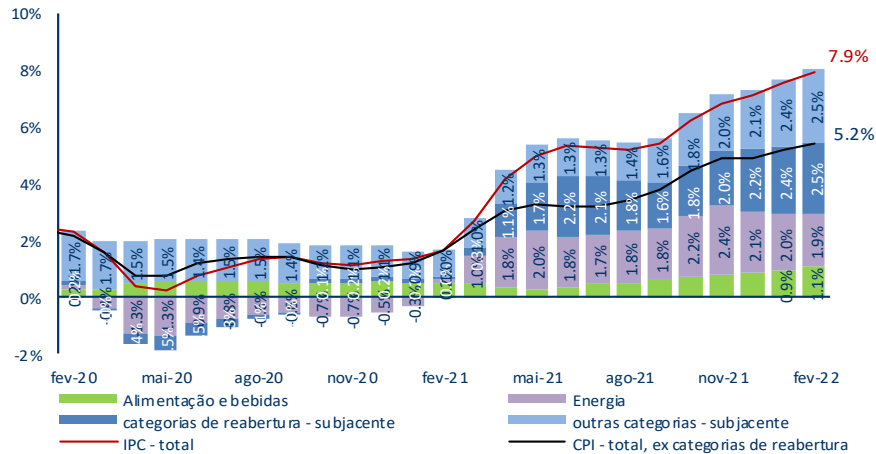
EUA: Índice de Preços no Consumidor (vh%) - Total e subjacente



Fonte: BLS

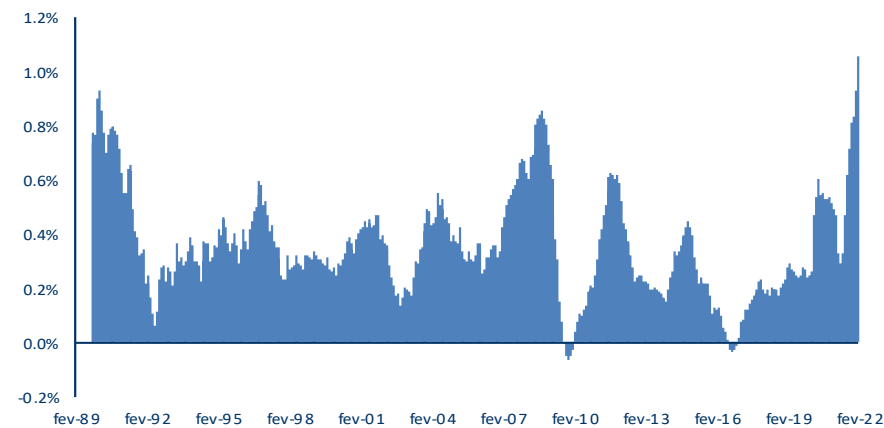
Apesar do aumento contínuo do preço da energia em fevereiro, o contributo da componente energética registou o terceiro mês consecutivo de moderação. Até ao início da invasão da Ucrânia, estava a cumprir-se a previsão de redução do contributo da Energia.

EUA: IPC (vh%) - contributo das rubricas para a variação homóloga



Fonte: BLS

EUA: contributo da rubrica Alimentação e bebidas para a variação homóloga (p.p.)



Fonte: BLS

Perspetivas. Nos meses mais recentes, a divulgação de notícias negativas em relação à inflação nos EUA tem sido permanente. A guerra na Ucrânia deverá adicionar um novo impulso substancial em

sentido ascendente via, sobretudo, preços de energia mais altos. A dimensão desse impulso será tanto maior se os principais parceiros comerciais impuserem uma proibição geral às exportações de petróleo e gás natural russas. Para além disso, o mercado de trabalho continua apresentar ganhos sólidos no que concerne à criação de postos na economia norte-americana. Diversas métricas sugerem já um “aperto” deste mercado maior na atualidade do que em fevereiro de 2020, imediatamente antes da quase paralisação da economia induzida pela pandemia.

A Reserva Federal (Fed) tem, como seria de esperar, tomado conhecimento e registo destes dois efeitos. A trajetória esperada para a taxa dos Fed Funds tem subido e continua mais alta do que há alguns meses, apesar da incerteza criada pela invasão russa na Ucrânia. A maioria dos investidores e analistas estima agora que Conselho de Governadores da Fed anuncie em breve um programa de redução gradual da dimensão do balanço - em meados do ano – ou seja, muito mais cedo do que aquilo que era esperado até recentemente. Nos próximos dias, quando a Fed apresentar a atualização das suas projeções, deverá rever significativamente em alta o valor da inflação para 2022.

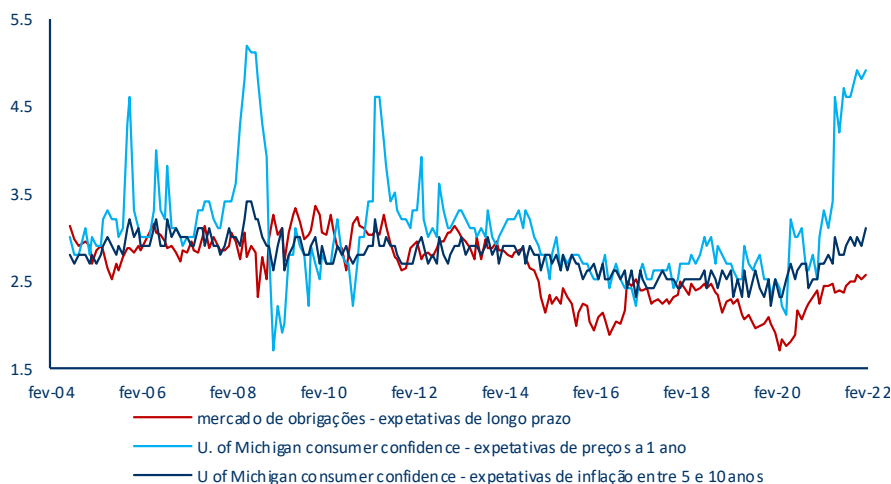
Há sinais de que o Conselho de Governadores da Fed (CG) tem em mente uma evolução constante e gradual da taxa diretora, ao contrário do “estilo” da “era-Volcker”, devendo desta feita procurar combinar vigilância com paciência. Duas considerações principais sustentam essa visão cautelosa e otimista:

- As expectativas de inflação de longo prazo permanecem bem ancoradas. Embora tenham subido desde o início do ano passado, apenas se aproximaram dos níveis de há uma década ou mais - níveis que foram seguidos por uma inflação que, em média, ficou abaixo da meta de 2% da Fed;
- Na componente histórica, o aumento de hoje difere muito daquele que o então CG liderado por Paul Volcker enfrentou em 1979. Powell preside hoje após 30 anos do controlo historicamente bem-sucedido da inflação. Devido a esta longa experiência, as famílias e empresas norte-americanas acreditam que os picos de inflação serão revertidos. Na época de Volcker, a visão era que a inflação alta auto-sustentaria-se-ia.

As **expectativas das famílias de inflação no curto prazo** subiram acentuadamente. A respetiva medida observada pela *University of Michigan* encontra-se no nível mais elevado em uma década. No entanto, esta e outras medidas semelhantes revelam mais sobre as mudanças de preços que os consumidores experimentam de momento, especialmente na bomba de gasolina e no supermercado, do que propriamente as mudanças de preços ainda por vir.

Quanto às **expectativas de inflação de longo prazo**, sejam baseadas em pesquisas domiciliárias ou preços no mercado das obrigações, subiram muito menos nos últimos dois anos. Em modelos de previsão econométricos, essas medidas tendem a ser muito mais úteis do que as suas congéneres de curto prazo.

EUA: Expectativas de inflação - investidores e consumidores



2.2 Portugal - Emprego: Estatísticas de fluxos entre estados do mercado de trabalho – 2021

O INE divulgou na semana anterior a publicação referente à evolução das **estatísticas de fluxos entre estados do mercado de trabalho** (emprego, desemprego e inatividade) da população até ao 4.º trimestre de 2021.

Em termos gerais, o contexto de mercado de trabalho apresentou uma melhoria muito significativa em 2021 apesar do abrandamento no último trimestre, acompanhando a retoma da economia no rescaldo de um ano inicial de pandemia (2020) muito negativo. Sem surpresa, o INE registou em 2021, a melhoria da probabilidade de uma pessoa desempregada passar a empregada no espaço de um ano do que no espaço de um trimestre (passou de 1.9 e mínimo histórico para 2.5 vezes mais provável).

Em 2021, cerca de 6.5% da população empregada em 2020 (4.3 milhões) transitou ou para uma situação de desemprego ou para a inatividade (2.4% e 4.1%, respetivamente).

Do total de desempregados ao longo de 2020 (350 mil), 31% permaneceram nesse estado, enquanto 49% (170 mil pessoas) transitaram para o emprego e 20% para a inatividade. O último trimestre do ano passado revela um abrandamento do ritmo de recuperação do mercado de trabalho, tendo em conta que 53% se mantiveram no desemprego do 3.º para o 4.º trimestre.

Em termos anuais, o **fluxo líquido do emprego** foi positivo (mais entradas que saídas) e estimado em 128.6 mil pessoas, enquanto o do desemprego foi de sinal negativo, estimado em 12 mil.

Estes valores contrariam a tendência verificada em 2020 (mas também observada em 2012 e 2013, correspondentes aos anos da crise financeira cujo impacto máximo no desemprego em Portugal se sentiu em 2013), situação que derivou da pandemia de COVID-19. Nos três anos referidos, o fluxo líquido foi de sinal negativo.

Em oposição, o fluxo líquido do desemprego foi de sinal positivo nestes períodos, tendo atingido o seu valor máximo em 2012 (147.5 mil pessoas).

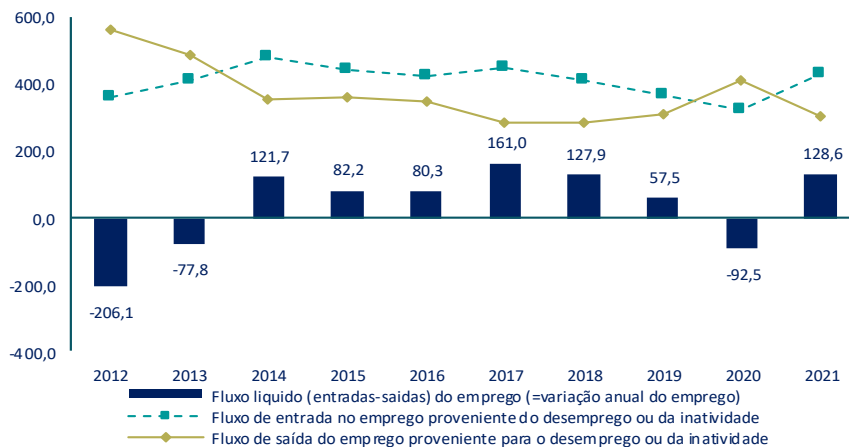
Em termos de **duração do desemprego**, do universo de desempregados de curta duração cerca de 57% transitaram para emprego, enquanto de “12 e mais meses” apenas 32% das pessoas conseguiram uma nova colocação profissional.

A série histórica desde 2012 evidência uma interrupção da tendência crescente de transição do desemprego de curta duração para o emprego em 2020, devido ao impedimento de procura de trabalho em face das medidas restritivas decretadas durante a pandemia de COVID-19.

Simultaneamente, observa-se um crescimento da taxa de transição da “*força de trabalho potencial*” (classificados como população inativa) para o emprego ao longo da série, tendo atingido o valor máximo em 2021 (31.5%). Neste segmento, apenas 20% transitam para o desemprego.

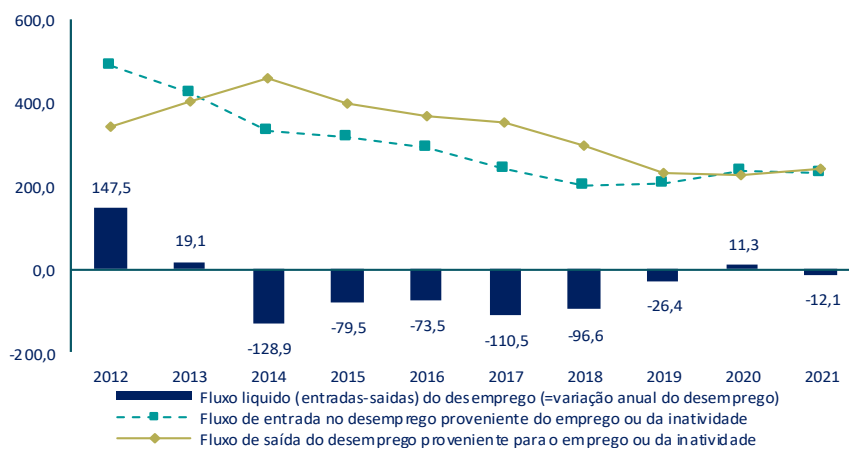
No que diz respeito aos fluxos anuais entre regimes de duração do trabalho, as tendências mantiveram-se relativamente estabilizadas. Do total de pessoas que, em 2020 tinham um emprego a tempo parcial, 27.5% passaram a tempo completo em 2021 (máximo de 29.3% em 2018). No caso dos trabalhadores por conta de outrem, essa proporção foi de 22.5%.

Portugal: Fluxos anuais líquidos do emprego (milhares)



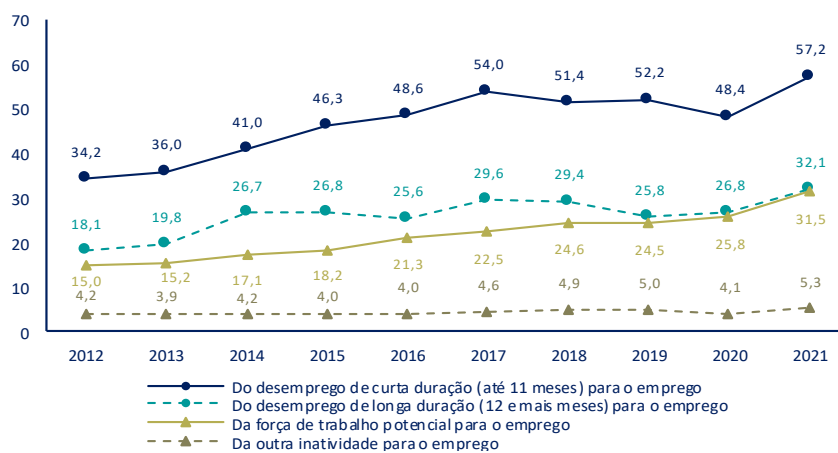
Fonte: INE

Portugal: Fluxos anuais líquidos do desemprego (milhares)



Fonte: INE

Portugal: Fluxos anuais entre emprego, duração do desemprego e inatividade (% do estado inicial)



Fonte: INE

2.3 China - Sessão plenária anual “Two Sessions” – 2022

As Duas Sessões (Two Sessions) é o nome dado às sessões plenárias anuais entre os dois principais órgãos políticos chineses: a Conferência Consultiva Política do Povo Chinês (CPPCC) e o Congresso Nacional do Povo (NPC). Enquanto a CPPCC é um órgão consultivo que inclui mais de 2.000 membros de diversas áreas da sociedade chinesa, o NPC é o principal órgão legislativo da China. Estas sessões são particularmente importantes, uma vez que permitem compreender as prioridades de Pequim para o próximo ano e a direção política geral do país.

Nestas sessões, vários objetivos económicos são igualmente declarados, como é o caso da meta para o crescimento do PIB desse ano. Neste sentido, o objetivo para o crescimento económico em 2022 foi reiterado em 5.5% do PIB, o que corresponde a um mínimo em 30 anos, e implica uma moderação face ao “acima de 6.0%” fixado no ano passado.

Objetivos económicos para a economia chinesa

	2018	2019	2020	2021	2022
Objetivo para o crescimento anual do PIB	em torno de +6.5%	entre 6.0% e 6.5%	-	acima de 6.0%	5.5%
Objetivo para a inflação	cerca de 3.0%	cerca de 3.0%	cerca de 3.5%	cerca de 3.0%	cerca de 3.0%
Saldo Orçamental (%)	-2.60%	-2.80%	-3.6% ou mais	cerca de -3.2%	cerca de -2.8%
Política monetária	neutra	neutra	flexível	flexível	prudente, flexível
Aprovação do limite para a emissão de obrigações de governos locais	CNY 1.35 biliões	CNY 2.15 biliões	CNY 3.75 biliões	CNY 3.65 biliões	CNY 3.65 biliões

Fonte: Ministério das Finanças RPC

Em 2021, a meta “acima de 6.0%” foi largamente ultrapassada, com um ritmo de expansão de 8.1%. Apesar do objetivo para 2022 representar uma forte moderação, permanece mais otimista em comparação com as projeções de outras instituições, como é o caso do FMI, que nas projeções intercalares de janeiro de 2022 prevê um crescimento de apenas 4.8%.

China: Evolução do crescimento anual do PIB e projeções (%)



Entre todos os desafios, o mais mencionado no relatório de trabalho do governo é o emprego, com a entrada de 10 milhões de jovens licenciados no mercado de trabalho. Apesar das pequenas e médias empresas habitualmente absorverem estes novos trabalhadores, as PME's enfrentam ainda alguns problemas na sequência da pandemia. Para solucionar este problema, a China deverá alargar as políticas de redução de impostos e taxas para apoiar o setor industrial, as pequenas empresas menos rentáveis e os trabalhadores independentes.

As despesas com infraestruturas serão um dos principais instrumentos que o governo irá recorrer para impulsionar as economias locais, e o Relatório de Trabalho do Governo de 2022 reitera a necessidade de aumentar estas despesas. Para os apoiar, foi anunciada a emissão de 3.65 biliões de yuans em obrigações dos governos locais. O relatório do governo menciona a digitalização como um dos objetivos principais e salienta também a independência da política externa. O défice fiscal está fixado em -2.8% do PIB, inferior a -3.2% em 2021, uma vez que o governo pretende manter uma situação orçamental saudável. A política monetária aponta para uma postura prudente e flexível.

3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 11 de março às 14h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-20	31-dez-21	4-mar-22	11-mar-22	2021	2022/YTD	Semana
EURIBOR Act/360 dias							
1 mês	-0,554	-0,583	-0,546	-0,548	↓ -0,029	↑ 0,035	↓ -0,002
3 Meses	-0,545	-0,572	-0,520	-0,502	↓ -0,027	↑ 0,070	↑ 0,018
6 Meses	-0,526	-0,546	-0,482	-0,414	↓ -0,020	↑ 0,132	↑ 0,068
12 Meses	-0,499	-0,501	-0,359	-0,268	↓ -0,002	↑ 0,233	↑ 0,091
LIBOR USD Act/360 dias							
LIB 1 mês	0,144	0,101	0,310	0,352	↓ -0,043	↑ 0,250	↑ 0,042
LIB 3 meses	0,238	0,209	0,610	0,745	↓ -0,029	↑ 0,536	↑ 0,135
LIB 6 meses	0,258	0,339	0,939	1,045	↑ 0,081	↑ 0,706	↑ 0,105
LIB 12 meses	0,342	0,583	1,353	1,487	↑ 0,241	↑ 0,903	↑ 0,134

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-20	31-dez-21	4-mar-22	11-mar-22	2021	2022/YTD	Semana
Portugal	0,030	0,465	0,837	1,152	↑ 0,435	↑ 0,687	↑ 0,315
Espanha	0,047	0,565	0,969	1,283	↑ 0,518	↑ 0,718	↑ 0,314
Grécia	0,628	1,338	2,365	2,595	↑ 0,710	↑ 1,257	↑ 0,230
Itália	0,543	1,172	1,539	1,890	↑ 0,629	↑ 0,718	↑ 0,351
França	-0,338	0,198	0,434	0,767	↑ 0,536	↑ 0,569	↑ 0,333
Alemanha	-0,569	-0,177	-0,069	0,298	↑ 0,392	↑ 0,475	↑ 0,367
Reino Unido	0,197	0,971	1,208	1,533	↑ 0,774	↑ 0,562	↑ 0,325
Suíça	-0,550	-0,135	0,170	0,379	↑ 0,415	↑ 0,514	↑ 0,209
EUA	0,913	1,510	1,731	2,006	↑ 0,597	↑ 0,496	↑ 0,275
Japão	0,021	0,071	0,163	0,185	↑ 0,050	↑ 0,114	↑ 0,022

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-20	31-dez-21	4-mar-22	11-mar-22	2021	2022/YTD	Semana
Eurostoxx 600	399	488	422	436	↑ 22,2%	↓ -10,7%	↑ 3,3%
IBEX	8074	8714	7721	8243	↑ 7,9%	↓ -5,4%	↑ 6,8%
CAC	5551	7153	6062	6352	↑ 28,9%	↓ -11,2%	↑ 4,8%
DAX	13719	15885	13095	13878	↑ 15,8%	↓ -12,6%	↑ 6,0%
FTSE	6461	7385	6987	7201	↑ 14,3%	↓ -2,5%	↑ 3,1%
PSI20	4898	5569	5332	5618	↑ 13,7%	↑ 0,9%	↑ 5,4%
S&P 500	3756	4766	4329	4251	↑ 26,9%	↓ -10,8%	↓ -1,8%
Nasdaq	12888	15645	13313	13007	↑ 21,4%	↓ -16,9%	↓ -2,3%
Topix	1805	1992	1845	1800	↑ 10,4%	↓ -9,7%	↓ -2,5%
MSCI Emerg	1291	1232	1145	1103	↓ -4,6%	↓ -10,5%	↓ -3,7%
Shanghai	3473	3640	3448	3310	↑ 4,8%	↓ -9,1%	↓ -4,0%

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-20	31-dez-21	4-mar-22	11-mar-22	2021	2022/YTD	Semana
EUR/USD	1,2216	1,1370	1,0928	1,0994	↓ -6,9%	↓ -3,3%	↑ 0,6%
EUR/JPY	126,18	130,90	125,55	128,58	↑ 3,7%	↓ -1,8%	↑ 2,4%
EUR/GBP	0,8937	0,8413	0,8260	0,8361	↓ -5,9%	↓ -0,6%	↑ 1,2%
EUR/AOA	795,17	632,42	523,12	516,60	↓ -20,5%	↓ -18,3%	↓ -1,2%
EUR/MZN	91,50	72,61	69,86	70,34	↓ -20,6%	↓ -3,1%	↑ 0,7%
Petróleo (Brent \$)	51,17	77,46	123,54	115,29	↑ 51,4%	↑ 48,8%	↓ -6,7%
Petróleo (Crude \$)	48,52	76,99	115,68	106,02	↑ 58,7%	↑ 37,7%	↓ -8,4%
Gás Natural (€, TTF)	19,12	70,34	192,55	130,00	↑ 267,8%	↑ 84,8%	↓ -32,5%
Ouro (\$)	1898,36	1829,20	1970,70	1961,19	↓ -3,6%	↑ 7,2%	↓ -0,5%
Prata (\$)	26,40	23,31	25,70	25,52	↓ -11,7%	↑ 9,5%	↓ -0,7%
Trigo (\$)	640,50	770,75	1348,00	1073,75	↑ 20,3%	↑ 39,3%	↓ -20,3%
Milho (\$)	484,00	593,25	756,50	759,25	↑ 22,6%	↑ 28,0%	↑ 0,4%
Soja (\$)	1315,25	1328,75	1676,25	1684,50	↑ 1,0%	↑ 26,8%	↑ 0,5%

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.